



**Universidade de Brasília**

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

**A AVALIAÇÃO PARA AS APRENDIZAGENS E SUA  
RELAÇÃO COM A INTERDISCIPLINARIDADE:  
uma prática pedagógica inovadora**

**Umberta Rodrigues Ramos Portela**

Orientadora Profa. Dra. Edileuza Fernandes da Silva

Tutora Orientadora Ma. Rose Meire da Silva e Oliveira

Brasília (DF), 19 de dezembro de 2015

**Umberta Rodrigues Ramos Portela**

**A AVALIAÇÃO PARA AS APRENDIZAGENS E SUA  
RELAÇÃO COM A INTERDISCIPLINARIDADE:  
uma prática pedagógica inovadora**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica, sob a orientação da Profa. Dra. Edileuza Fernandes da Silva e da professora Tutora Orientadora Ma. Rose Meire da Silva e Oliveira.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Umberta Rodrigues Ramos Portela**

### **A AVALIAÇÃO PARA AS APRENDIZAGENS E SUA RELAÇÃO COM A INTERDISCIPLINARIDADE: uma prática pedagógica inovadora**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

---

Profa. Dra. Sílvia Lúcia Soares - FE/UNB  
(Avaliadora externa)

---

Profa. Dra. Edileuza Fernandes da Silva - FE/UNB  
(Professora-orientadora)

---

Profa. Ma. Rose Meire Silva e Oliveira – EAPE/SEEDF  
(Tutora-orientadora)

Brasília, 19 de dezembro de 2015

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu pai Manuel Ramos, que enfrentou suas próprias limitações para me conduzir à escola, à minha mãe Judite (*in memoriam*), por não ter tido a oportunidade de conhecer o mundo letrado, ao meu esposo Antônio Portela e ao meu filho Hamilton, por serem compreensivos em minhas ausências, pelo amor e carinho a mim dispensado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, de modo especial, a Deus pelo seu imenso amor;

A Jesus Cristo, o meu Senhor, que vive e reina na minha vida;

À Nossa Senhora de Fátima, minha fiel intercessora, que nas tribulações sinto a sua forte presença ao meu lado;

A toda minha família que tem por mim um carinho ímpar;

A todos os meus educadores que não mediram esforços para me mostrar que eu era capaz de ir além das minhas expectativas;

A minha tutora Cléia Gerin que com sua experiência de vida me impulsionou a ir em diante, mesmo diante das dificuldades;

Às minhas professoras, Edileuza Fernandes da Silva e Rose Meire Silva e Oliveira, por me proporcionarem momentos de grandes aprendizados;

Aos meus grandes amores, esposo e filho, que me apoiam, que me compreendem e que me cercam de carinho e amor. Minha base!

## EPÍGRAFE

“Esqueceram de me contar que Deus é amor”.  
(Pe. Fábio de Melo, 2014, p.89)

## RESUMO

O presente estudo refere-se a uma pesquisa realizada em 2015, em uma escola da rede pública do Distrito Federal, cujo objetivo geral foi buscar compreender a relação entre a avaliação para as aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano - BIA - do Ensino Fundamental. O estudo de caso baseou-se nos seguintes procedimentos metodológicos: entrevista, análise documental e observação em sala de sala e na coordenação pedagógica, com vistas à obtenção de informações e resultados almejados. Coloca-se em pauta a avaliação para as aprendizagens e sua relação com a interdisciplinaridade, buscando evidenciar a avaliação formativa como uma prática que propõe incluir o estudante na perspectiva do desenvolvimento para as aprendizagens, uma vez que ela acontece de forma simultânea às metas traçadas, podendo o professor ter mudança de direcionamento a cada ato de avaliação, preponderando, portanto, os avanços alcançados. Para que a avaliação formativa possa ganhar força, é importante ressaltar o princípio da interdisciplinaridade como uma prática aliada ao docente, que pode ir ao encontro do desenvolvimento integral do estudante com plena autonomia. O encontro das práticas pedagógicas interdisciplinares com a avaliação formativa pode elevar uma instituição integradora. Nessa perspectiva, o ato de avaliar torna-se significativo, mediante ao contexto interdisciplinar, por meio das práticas pedagógicas do professor como uma forma inovadora do ensinar e do aprender, tendo em vista a emancipação humana em sociedade.

**Palavras-chave:** Avaliação para as Aprendizagens; Interdisciplinaridade; Prática Inovadora.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	09
<b>1 – A avaliação para as aprendizagens: um olhar para além do que se vê</b> .....	13
1.1 – A interdisciplinaridade no currículo: a semente está lançada .....	19
1.2 – Prática Pedagógica inovadora: como proceder? .....	25
1.3 – Relíquias da arte: um encontro entre pesquisadores .....	30
<b>2 – Metodologia: que rumo seguir?</b> .....	32
<b>3 – Teoria e prática pedagógica: uma análise da realidade</b> .....	36
3.1 – A entrevista: ponto de partida para a sala de aula .....	37
3.2 – Prova escrita, como evoluir? .....	44
<b>Considerações Finais</b> .....	49
<b>Referências</b> .....	52
<b>Apêndices</b> .....	55

## INTRODUÇÃO

*“A memória, em toda sua complexidade, guarda consigo o tempo-história, não como um tempo passado, mas como um tempo inscrito nas entranhas do atual”. (ALMEIDA, 2003, p. 3)*

Não tenho a intenção de resgatar conflitos, de passear por momentos que incomodam e de trazer lembranças marcadas pelo incômodo! Mas, sobretudo, de compartilhar momentos intensos de vida, de crescimento e de aprendizado.

Assim, inicio esse trabalho no intuito de desvendar a importância da avaliação em função do desenvolvimento cognitivo para as aprendizagens, bem como a audácia pedagógica de uni-la à interdisciplinaridade como proposta de inovação acadêmica e como fator visionário para a inclusão de alunos que concluem seu primeiro ciclo de alfabetização (3º ano do Ensino Fundamental I), fez com que o presente trabalho ganhasse vida e força para prosperar no que vislumbra a temática.

Dessa forma, a escola ganha um corpo fundamentado que ampara legalmente o trabalho docente, no que tange a avaliação como um ato que inclui e que se relaciona com as Áreas do Conhecimento. Tanto a avaliação quanto a interdisciplinaridade são assuntos que inquietam o mundo acadêmico, e isso se dá devido à complexidade que ambas representam. Suas consequências, quando não bem elaboradas, podem culminar em retrocessos.

Falar dos prejuízos pedagógicos que podem desencadear um processo de avaliação excludente é algo que todos sabem; apontar o que a fragmentação do conhecimento resulta, só precisa observar como ainda se comportam muitos trabalhos educacionais. Agora, é preciso apontar à comunidade docente resultados que vão colaborar com o processo de inclusão no qual os discentes percebam a afinidade do que se aprende na escola com o que se aplica ao seu contexto social. Eis a grande importância do alinhamento entre a prática docente inovadora e a existência do ato de educar para a vida.

É na perspectiva inclusiva que trago à memória um episódio de minha vida acadêmica.

Tudo começou no ano de 1982 quando meus pais decidiram se mudar para a cidade, uma vez que na zona rural, no interior, não tinha escola para os

filhos. Eu ingressei na escola aos 6 anos, em uma instituição de nome LBA (não sei o significado da sigla), mas lá tive a minha primeira professora chamada Marta<sup>1</sup>, moça jovem, bem magra e carinhosa. Ela apresentava as letras, gradativamente, com toda paciência, ou seja, uma letra de cada vez!

No ano seguinte, me deparei com aquela que me fez despertar para o que eu queria ser quando crescesse. Olhando aquela professora linda, vaidosa (de salto), eu tive certeza: “Quero ser professora!!! Quero ser assim como ela, cheia de carisma! Quero ser professora!!!”

E aquela intenção nunca saiu do meu pensamento, mas o que de fato aconteceu é que eu estava na primeira série e ainda não dominava a leitura e a escrita. No ano seguinte, fiquei com a mesma professora e foi um sonho!!! Por mais atenção que ela me desse, eu não avançava no aspecto cognitivo. Lorrane<sup>2</sup> é o nome dela. Mais um final de ano ia se aproximando e eu não progredia o esperado. Era de costume ver a professora conversando com minha mãe e ficava imaginando que era falando sobre mim.

Até que um dia, ela me perguntou: “Umberta, você deseja ser baliza da nossa escola?” Ufa! Respirei fundo e respondi de forma positiva. Na ocasião, ela falou as características da minha futura roupa. Ela seria dourada, brilhosa e todos iriam ficar me olhando. Porém, eu precisava aprender a ler e a escrever. Caso contrário, isso não seria possível! No momento, revivo o cheiro de Lorrane, a posição das cadeiras e o salto fino da professora. E como ela era cheirosa! Sou capaz de reconhecer aquele cheiro em meio a tantos outros.

Pedagogicamente, Lorrane utilizou um método “estímulo x resposta” para que eu pudesse reagir, já que eu era a situação problema da sala. Talvez ela nem conhecesse o *Behaviorismo* (*Behaviorismo* radical defendido por Burrhus Frederic Skinner) para pautar o seu trabalho, mas surtiu efeito e lá estava eu, no mês de agosto, lendo e escrevendo para a surpresa de todos. Como recompensa positiva, no dia 7 de setembro do ano de 1984, estava eu desfilando, representando a escola, com direito a retrato e tudo mais. Um momento mágico na minha vida.

A ação da professora foi permeada de estímulos, pois representar uma escola era desejo de toda menina, porém ela apontou uma proposta seguida

---

<sup>1</sup> Trata-se de um pseudônimo para resguardar a identidade do nome professora.

<sup>2</sup> Trata-se de um pseudônimo para resguardar a identidade do nome professora.

de uma meta. Logo, seu propósito maior foi atingido entre tantos outros. Dessa forma, percebo quão grandioso é a intencionalidade da educadora diante de sua função.

Ao se propor a avaliação para as aprendizagens, metas e desafios necessitam de olhares modernos e criativos, tendo em vista que se trata de uma vida que está em processo de crescimento.

Na verdade, naquele contexto de vida, os saberes ainda eram compartimentados, fruto de uma educação tradicional, porém já existiam ambições por parte dos educadores. Hoje, além da formação, os professores reconhecem que a instituição escolar pode ir além do ler e do escrever.

Na sociedade em que vivemos, a educação é um dos principais pilares do desenvolvimento humano. Com essa expectativa, a instituição escolar tende a buscar estratégias que venham satisfazer, de forma significativa, a emancipação humana. Nesse contexto, a avaliação para as aprendizagens e sua relação com o princípio da interdisciplinaridade almejam apontamentos relevantes que podem favorecer a integralidade do conhecimento em preparação para a vida.

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender a relação entre avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública, que buscou contribuir para a autenticação de processos avaliativos inclusivos, bem como para uma prática inovadora docente.

O objeto de pesquisa interage com dois objetivos específicos que são:

1. Identificar práticas pedagógicas interdisciplinares adotadas pelos docentes e
2. Analisar a relação existente entre a avaliação para as aprendizagens e as práticas pedagógicas interdisciplinares.

Com o intuito investigativo, a pesquisa se enveredou por um estudo de caso no qual uma escola da rede pública da Região Administrativa do Distrito Federal foi o cenário que, nesta pesquisa, atenderá pelo nome fictício de Cantinho do Saber<sup>3</sup>.

A escola Cantinho do Saber atende, neste ano, aproximadamente 420 crianças, com turmas da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental I.

---

<sup>3</sup> Trata-se de um pseudônimo para resguardar a identidade da instituição escolar.

Seu corpo docente é composto por 23 professores que contam com um suporte de dois coordenadores pedagógicos e com uma gestão que é notoriamente envolvida nas questões pedagógicas da escola.

Esse estudo está organizado em 3 capítulos, atendendo primeiramente ao referencial teórico em que serão encontradas a conceituação e as descrições sobre as categorias pertinentes à avaliação formativa, à interdisciplinaridade e às práticas inovadoras do trabalho docente, à luz do que defende os estudiosos da área educacional.

O segundo capítulo consiste nas descrições e no embasamento teórico metodológico, seguido de procedimentos para a busca da resposta almejada. Por fim, o terceiro capítulo suscita a análise de dados, tendo como base a prática pedagógica observada no chão da escola, por meio da entrevista com a professora interlocutora, da análise documental e das observações feitas em sala.

O processo investigativo teve início no dia 24 de agosto e se estendeu até o dia 09 de outubro do ano de 2015, tempo considerado razoável para que cada instância procedimental se efetivasse de forma satisfatória.

A professora interlocutora é uma alfabetizadora que se prontificou a participar da pesquisa, se colocou à disposição e desenvolveu seu trabalho com abertura precisa para adentrar suas aulas por três (3) tardes, em dias alternados, e em duas (2) coordenações pedagógicas.

Desenvolver práticas pedagógicas interdisciplinares aliadas à avaliação formativa é um desafio, porém atingível para quem supera procedimentos tradicionais e se mune de formação profissional para chegar a estratégias inovadora.

## **1- Avaliação para as aprendizagens: um olhar para além do que se vê**

“É preciso lembrar sempre que, em se tratando da avaliação da aprendizagem, a obsessão pelo resultado pode obscurecer a importância do processo”. (FISCHER, 2010, p. 49)

A sociedade atual vive um contexto histórico em constante evolução. É natural que a instituição escolar, incorporando sua função de emancipadora, também defina traços que norteiem a execução de suas competências de forma dinâmica e inovadora, sem perder de vista sua potencialidade em oferecer, com qualidade, o conhecimento que a torne significativa em sua existência. Contudo, sua funcionalidade perpassa-se pelo ato de ensinar e de aprender.

Por séculos, a escola aderiu a concepções e a práticas poucas notórias aos olhos daqueles que apenas faziam o papel de presentes, agregando valores que excluem e condenam, deixando-os às margens dos saberes empíricos/científicos. Apoderando-se do papel unicamente classificatório, “a avaliação da aprendizagem escolar, além de ser praticada com uma tal independência do processo ensino-aprendizagem, vem ganhando foros de independência da relação professor-aluno”, defendido por Luckesi (2001, p. 23). É como se não houvesse nenhuma relação significativa entre o ensinar e o aprender, na mesma face, entre o professor e o aluno. É nessa circunstância que se dá a independência, pois as notas passam a ser protagonistas nas relações existentes no âmbito escolar.

O autor ainda alude que os testes e provas corriqueiramente, aplicado no âmbito da escola, além de mensurar notas são elaborados para atenderem aos anseios dos professores e da escola e não focam efetivamente a aprendizagem dos estudantes, pois não se preocupam em vincular os conteúdos avaliados à vivência do educando. Assunto este bem ilustrado na tirinha do cartunista Maurício de Sousa (nº 6287).



Por mais natural que pareçam os procedimentos atitudinais da professora, o silêncio demonstra pavor, e um aspecto de desespero irradia o ambiente da sala de aula, tirando as esperanças de quem busca aprender. Sentimentos como esses, visionados no semblante dos alunos, mostram de forma clara que eles, na condição de aprendizes, e a professora, na qualidade de educadora, estão na contramão: Os primeiros, no caso, os estudantes, porque não conseguem aprender, ou não conseguem passar o que sabem ao realizarem provas e testes; enquanto a segunda, está desprovida do saber ensinar, ou ainda do saber avaliar. Isso quer dizer que, enquanto a escola se dispuser a utilizar “a avaliação da aprendizagem, na medida em que estiver polarizada pelos exames, não cumprirá a sua função de subsidiar a decisão da melhoria da aprendizagem”, defende Luckesi (2001, p. 25).

Por fim, as escolas se colocam na sua condição mínima, conforme complementa Hoffmann (1993, p. 16) ao salientar que “educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos e não relacionados”, dificultando o verdadeiro sentido da aplicabilidade do processo avaliativo. Dando, portanto, a linearidade educativa na proporção de se ter dois momentos diferenciados, enquanto ambos poderiam comungar da mesma ação, uma vez que “a avaliação é a reflexão transformadora em ação [...] Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento”, acrescenta ainda a autora (1993, p. 18) que reforça a avaliação formativa como um processo de construção das aprendizagens.

Tal concepção tem o poder de transformar a ação avaliativa punitiva, de mensuração por meio de nota e de juízos/critérios negativos que solidificam as incertezas do direito de aprender, em uma ação que convoca o estudante para

uma ação reflexiva, dando-lhe a oportunidade de acesso à escola e de conhecimentos adquiridos pela instituição educativa.

Mediante ao tempo, com as conquistas sociais, a escola precisa revigorar-se para atuar de fato e dizer a que veio, postulando seu olhar ao contexto avaliativo, como forma de ressaltar aos olhos e incumbir-se de resgatar o ensinar e o aprender como parte indissociável do ser humano.

Sendo a avaliação uma prática processual e inerente a tudo que se realiza, agregando posteriormente ações empreendedoras que fortaleçam recursos de avanços, é importante conceituá-la, como tão bem o faz Sousa (1995):

A avaliação se constitui em um processo de busca de compreensão da realidade escolar, com o fim de subsidiar as tomadas de decisões quanto ao direcionamento das intervenções, visando ao aprimoramento do trabalho escolar. Como tal, a avaliação compreende a descrição, a interpretação e o julgamento das ações desenvolvidas, resultando na definição de prioridades a serem implementadas e rumos a serem seguidos, tendo como referências os princípios e as finalidades estabelecidos no Projeto da Escola, ao mesmo tempo em que subsidia a sua própria redefinição. (SOUSA, 1995, p.63)

É pelo viés da avaliação que a escola se ancora para defender práticas pedagógicas – do ato de ensinar e de aprender - que colaborem para o desenvolvimento pleno de seus docentes. Assim, ela busca minimizar os efeitos nocivos do sistema educacional, consequências do ato de avaliar no sentido de punição e exclusão.

Ao avaliar para as aprendizagens, a instituição tem a oportunidade legal de sair de seu império supremo para se fazer parceira; de propor mudanças e, conseqüentemente, se adequar a elas e, sobretudo, de trocar o seu olhar sentenciador pelo olhar acolhedor que faz o duplo papel de ensinar e incluir, sem a distinção de qualquer caracterização étnica, religiosa ou cultural.

Ao vislumbrar a intencionalidade da avaliação no seu sentido de acolher, apreciar o que se ensina e o que se aprende, as Diretrizes de Avaliação Educacional da SEDF (2014) apresentam a avaliação formativa na perspectiva de ir além do que se possa ver, ao abordar que a escola deve

Avaliar para incluir, incluir para aprender e aprender para desenvolver-se: eis a perspectiva avaliativa adotada. Embora a avaliação seja um termo polissêmico, entende-se que instrumentos/procedimentos pelos quais a análise qualitativa se sobreponha àquelas puramente quantitativas pode realizar de maneira mais justa o ato avaliativo. (SEDF, 2014, p.12)

Atuando nessa perspectiva, a escola se manifesta por meio de seu olhar intrínseco para utilizar seus recursos - instrumentos e procedimentos avaliativos - em busca da análise do que se pretendeu ensinar, fazendo um paralelo com o que se foi aprendido. Dessa forma, concretiza-se a avaliação como garantia das aprendizagens e direito de todos.

Essa nova configuração de avaliação se dá desde o momento do pensar para planejar, perpassando pelas ideias que foram supridas até as intervenções e mediações cabíveis para o êxito docente e discente envolvido no processo. Para incrementar tal discussão, é válido apontar Fernandes (2005) que caracteriza a concepção formativa da avaliação da seguinte maneira:

- Ativam os processos mais complexos do pensamento (Ex. analisar, sintetizar, avaliar, relacionar, integrar, selecionar);
- As tarefas refletem uma estreita relação e a avaliação é deliberadamente organizada para proporcionar um *feedback* inteligente e de elevada qualidade tendo em vista melhorar as aprendizagens dos alunos;
- O *feedback* é determinante para ativar os processos cognitivos e metacognitivos dos alunos, que, por sua vez, regulam e controlam os processos de aprendizagem, assim como para melhorar a sua motivação e autoestima;
- A natureza da interação e da comunicação entre professores e alunos é absolutamente central porque os professores têm de estabelecer pontes entre o que se considera ser importante aprender e o complexo mundo do aluno;
- Os alunos são deliberados, ativos e sistematicamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, responsabilizando-se pelas suas aprendizagens e tendo amplas oportunidades para elaborar as suas respostas e para partilharem o que, e como, compreenderam;
- As tarefas propostas aos alunos que, desejavelmente, são simultaneamente de ensino, de avaliação e de aprendizagem, são criteriosamente selecionadas e diversificadas, representam os domínios estruturantes entre as didáticas específicas das disciplinas, que se constituem como elementos de referência indispensáveis, e a avaliação, que tem um papel relevante na regulação dos processos de aprendizagem;

- O ambiente de avaliação das salas de aula induz uma cultura positiva de sucesso baseada no princípio de que todos os alunos podem aprender. (FERNANDES, 2005, p.68,69)

O processo avaliativo é determinante para que haja o sucesso de todos. Vários são os fatores, consideravelmente, importantes como influenciadores no decorrer do ensino e da aprendizagem. As tarefas, o meio, a intervenção, a mediação e focar no que se aprendeu fazem toda diferença no procedimento que se tomará posteriormente. Eis o motivo de avaliar para se fazer presente o desenvolvimento de ambos, pois o concretizar do passo seguinte do ensino e do aprender requer solidez na arte de observar, de analisar e de planejar.

O dinamismo do ato de avaliar na perspectiva formativa circunda um parâmetro de interação que promove o pensamento, a ligação entre as partes – professor e aluno – com o intuito de estreitamento interventivo, a autoavaliação e o *feedback*, ou seja, um retorno inteligente unido a uma mediação sábia e bem planejada, com vistas a atividades intencionadas, norteando o aprendizado de todos, anulando, portanto, a independência que possa existir entre o ensinar/aprender e o aluno/professor.

A avaliação formativa prioriza o avaliar para as aprendizagens porque as intervenções podem ser concomitantes, enquanto a avaliação da aprendizagem - também denominada como avaliação somativa - se dá posteriormente a um tempo, possibilitando, portanto, a possível minimização do valor das intervenções didaticamente empenhadas, contando, ainda, como uma análise pertinente ao conteúdo e não no *processo de aprendizagem* propriamente dito, conforme defendem as Diretrizes de Avaliação Educacional da SEDF (2014, p. 12).

Procedimentos como a *avaliação diagnóstica*, a *autoavaliação*, o *feedback* e a *progressão continuada das aprendizagens*, são também vistos com relevância, à luz das Diretrizes de Avaliação Educacional (SEDF, 2014, p. 14) quando dispõe que: “a perspectiva de avaliação formativa, uma vez que implica avançar enquanto se aprende e aprender à medida que se progride”, requer do professor a constante retomada de suas ações pedagógicas, para

fins de subsidiar suas metas propostas. Para tanto, deve se ter um cuidado, um zelo e toda uma cautela profissional no sentido do olhar criterioso para se emergir o real sentido do que muitas vezes a ignorância oculta.

Dessa forma, faz-se necessário o entendimento e a busca do professor em confrontar seus objetivos, seus planejamentos, suas intervenções com o resultado final a que se chegou, direcionando o ato de avaliar, não somente para o aprendiz, mas para todos os sujeitos envolvidos no processo educativo e em tudo que se foi utilizado na ocasião para que as aprendizagens tenham, por fim, atingido a meta desejada. É importante ressaltar, ainda, o despertar pela autonomia, uma vez que tanto a instituição quanto o aprendiz necessitam (re)conhecer suas limitações durante o processo ensino aprendizagem. Eis a avaliação formativa fazendo o seu papel de encorajamento e de reflexão para, posteriormente, orientar a tomada decisão que venham a acelerar as aprendizagens significativas.

Nesse contexto, é importante ressaltar Fernandes (2007), quando diz que

(...) a avaliação formativa está associada a processos significativos de desenvolvimento profissional dos professores, a melhorias sensíveis na organização e no funcionamento pedagógico das escolas e a formas diferenciadas de construção da sua autonomia. Importa talvez acrescentar, para além do que já se referiu, que a avaliação formativa, independentemente do ente que está a ser avaliado, está intrinsecamente associada a processos de autoavaliação, de autocontrole e de autorregulação. (FERNANDES, 2007, p.2)

Para que aconteça, de fato, a avaliação formativa, a instituição escolar precisa abrir mão de recursos intimamente tradicionais e aderir situações contemporâneas baseadas no profissionalismo de todos os envolvidos para que possam não só ultrapassar metas do que foi ensinado, mas, sobretudo, ensinar para a vivência em sociedade.

Isso se dá quando o estudante tem autonomia de buscar o que aprendeu e o que pode ser aplicado, bem como ter o controle sobre seus conhecimentos em prol de uma transformação positiva e atuante a favor do coletivo, sabendo, no entanto, se portar diante da sociedade, reconhecendo,

assim, seu saber, sua ação e a sua importância na qualidade de agente transformador do meio em que vive.

Nesse contexto, é importante ressaltar também Freitas (2001, p. 42): “A avaliação deve estar a serviço de uma qualidade que aponte para um outro futuro mais fraterno, mas, exatamente por isso, esta avaliação deve cuidar do presente”. É chegada a hora de haver uma transformação do ato de avaliar, pois emerge o desejo de progresso metodológico no ato de executar os processos avaliativos que acontecem no chão da escola.

Contudo, avaliação pode ser vista como um recurso potencializador de mudanças significativas nas mais variadas faces da instituição educacional. Isso porque não tem como pensar em uma sociedade em constante processo de evolução, sem a ação educativa escolar portando seu diferencial meio a tantas lacunas sociais que necessitam de um olhar que tenha como pretensão a ação motivadora da emancipação humana.

### **1.1- Interdisciplinaridade no currículo: a semente está lançada**

“Sabe, professora, antes a aula que eu mais gostava era a de Ciências, mas agora não tenho aula separada! É tudo junto, com um livro, a minha professora faz a gente pensar tudo misturado. Eu estudo Português fazendo massa de modelar e aprendo a gostar de Matemática, folheando revista de moda. É tudo muito legal!!! Ah, e lhe digo mais, tenho 5 livros e um caderno...”

(Depoimento de uma criança do 3º ano (8 anos) ao ser questionada sobre qual a sua matéria preferida).

“Pensar tudo misturado”. Eis uma expressão que arremete o pensamento para a desorganização, falta de envolvimento e, por que não, sinônimo de bagunça? Nada disso, a criança relata uma experiência nova e gostosa que acontece com ela e sua turma. Agora, ela não precisa sentir prazer apenas no dia da aula de Ciências. Tudo isso se dá porque todos os dias ela pode ter aula de Ciências. Portanto, as aulas vão se tornando prazerosas e as crianças vão tomando gosto pela nova forma de aprender.

Não se trata aqui de uma nova metodologia da professora que vislumbra uma nova forma de ensinar e, sim, da tomada de iniciativa da concretude de

um dos princípios – a interdisciplinaridade - retratados nos Pressupostos Teóricos do Currículo em Movimento da Educação Básica (SEDF, 2013, p. 66).

Conforme Mendes, Gomes e Silva (Brasil, 2015. p. 9), relatam um breve histórico cronológico, ao colocarem que a interdisciplinaridade não é uma discussão nova no cenário escolar, pois ela se faz presente no Brasil adjunto à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nº 5.692/71 e que, aos poucos, foi ganhando o chão das escolas, sendo foco de estudos e debates por parte dos professores.

Mas foi com a nova LDB 9.394/96, unida aos Parâmetros Curriculares Nacionais, que a interdisciplinaridade vem aprimorando a prática docente. A culminância dessa prática se dá no nível Federal por meio do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC - (2013, 2014 e culmina em 2015) que “alavanca” os professores a uma nova prática que anda na contramão da fragmentação disciplinar, se preocupando com a formação docente. E na esfera Distrital, é válido colocar como amparo legal o Currículo em Movimento da Educação Básica (SEDF, 2013), que ancora de forma significativa como um dos princípios que fortalece a interdisciplinaridade como prática indissociável no ato de ensinar e de aprender, ao defender que

A interdisciplinaridade favorece a abordagem de um mesmo tema em diferentes disciplinas/componentes curriculares e, a partir da compreensão das partes que ligam as diferentes áreas do conhecimento/componente curricular, ultrapassa a fragmentação do conhecimento e do pensamento. [...]

O princípio da interdisciplinaridade estimula o diálogo entre conhecimentos científicos, pedagógicos e experiências, criando possibilidades de relações entre diferentes conhecimentos e áreas. (SEDF, 2013, p.68)

Explorando a caracterização atribuída ao princípio da interdisciplinaridade, é possível desmistificar o “*é tudo misturado*”. Dá para compreender a fragmentação como um conhecimento trabalhado de forma compartimentada, ou seja, um assunto de cada vez em sua respectiva disciplina, sem a permissão de ligar um conhecimento a outro, favorecendo, assim, o isolamento dos saberes.

Dessa forma, não tem como pensar numa perspectiva ampla se o pensamento é fomentado a trabalhar de maneira linear, analisando apenas o

conhecimento em uma dimensão unilateral, dando a entender de que existe um saber específico para cada situação corriqueira do cotidiano.

Faz-se necessário o rompimento da individualidade, pois a interação entre as disciplinas fortalece o conhecimento e o preparo para a vida, sendo a escola uma parceira fundamental nesse processo. Para tanto, cabe a ela buscar estratégias e dinâmicas centradas na evolução dos saberes que se conversam nas diferentes áreas, na integralidade do conhecimento e no rompimento da individualidade, pois a coletividade pode fazer a diferença nesse momento de quebra de rotinas tradicionais aprendidas de forma oculta ou não.

Fazenda (1995) verificou em suas pesquisas que, a diversidade de práticas pedagógicas que são realizadas de forma intuitiva e projetos que se vestem como “interdisciplinares”, porém, sem a real intenção devida, se encarregam de deturpar a verdadeira ação que ocasionam o crescimento progressivo do ensino e da aprendizagem. A autora acrescenta que “em nome da interdisciplinaridade, rotinas estabelecidas são condenadas e abandonadas, e slogans, apelidos e hipóteses de trabalho são criados; muitas vezes eles são improvisados e mal elaborados”. (FAZENDA, 1995, p. 7)

Embora a interdisciplinaridade se faça presente no Brasil há quase 50 anos, ainda é um assunto que exige zelo e entendimento para que paradigmas tradicionais sejam quebrados.

Intuições viciosas, procedimentos tradicionais e isolamento profissional – cada um no seu cada um – podem promover um rompimento entre a face do ensinar e do aprender, uma vez que a solidão das disciplinas coíbe a promoção da capacidade do desenvolvimento de interagir, de criar e de reinventar um saber e, sobretudo, de aplicá-lo à vida no seu sentido amplo. Nesse sentido, Fazenda (2014) acrescenta:

O primeiro passo para a aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das posições acadêmicas prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que fatalmente são restritivas, primitivas e “tacanhas”, impeditivas de aberturas novas, camisas de forças que acabam por restringir alguns olhares, tachando-os de menores (...).

Um olhar interdisciplinarmente atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, induz-nos a outras superações, ou mesmo reformulações. Exercitar uma forma

interdisciplinar de teorizar e praticar educação demanda, antes de mais nada, o exercício de uma atitude ambígua. (FAZENDA, 2014, p.13)

O corpo docente atual tende a ser fruto de uma prática acadêmica ainda tradicional, pois as disciplinas se faziam presentes de forma isolada, dificultando, no entanto, a integração dos conhecimentos e sua relação com a vida. Mas, apesar disso, é comum ouvir desses profissionais “eu estudei assim, aprendi assim, por que tenho que mudar? Dessa outra forma tudo fica desorganizado”.

Como bem retrata a autora, faz-se necessário o abandono de posturas enraizadas em rotinas tradicionais - do unidirecionamento - e nas práticas que restringem o pensamento, pois elas podem podar o desenvolvimento, passando a ideia de organização dos conteúdos.

O professor precisa reconhecer suas fragilidades, buscar estratégias inovadoras baseadas na formação profissional constante e se apegar à humildade de que novos tempos estão presentes. Logo, a sociedade exige uma nova educação, com novos olhares que postulam comprometimento, com práticas pedagógicas acolhedoras que fazem do exercício da educação uma competência.

Acredita-se que um dos exercícios mais difíceis do corpo docente seja o entendimento da atitude ambígua. Como é comum o trabalho acadêmico estar organizado por disciplinas, ou seja, cada conhecimento na sua respectiva disciplina demanda um pensamento de uma determinada organização.

Já a interdisciplinaridade, pressupõe a transição dos saberes, visto sob a ótica de diferentes áreas do conhecimento que, para quem ainda a desconhece, pode ter uma suposição de desorganização. Isso se minimizará com o entendimento das necessidades educativas da contemporaneidade, unida ao comprometimento profissional de aderir a novas práticas e de se colocar na posição de aprendiz/pesquisador. A interdisciplinaridade é um fato na educação que versa sobre a qualidade social na promoção de direitos do educando para uma vida plena em sociedade.

Prática essa, amparada pelo Currículo em Movimento (SEDF, 2013), se mostra integrada, busca reorganizar o conhecimento de forma ampla, que

rompe os limites de cada disciplina, que propõe a integralidade dos saberes, fazendo com que os estudantes identifiquem os conhecimentos de forma concreta e atuante, visando “sempre uma articulação entre totalidade e unicidade”, como bem define Fazenda (2014, p. 42).

Na perspectiva da interdisciplinaridade, as disciplinas continuam existindo, porém, a grande diferença se curva na forma de como elas são apresentadas. No contexto tradicional, por exemplo, a aula de Língua Portuguesa permite aos alunos estudarem ortografia, gramática e interpretação textual a partir de uma leitura; já na aula de Matemática, a professora se atenta a ensinar o que se relaciona aos números e às formas geométricas e assim por diante. Isso significa que cada disciplina se dispõe de sua competência, não permitindo estabelecer uma relação entre os saberes.

Essa Prática não comunga com a interdisciplinaridade, já que a proposta é a exploração de um mesmo tema em diferentes componentes curriculares. Dessa forma, a compartimentação dos conteúdos se minimiza em sua existência para dar espaço à formação do todo, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades necessárias ao contato direto com o mundo real no qual o estudante se faz presente.

Para tanto, faz-se necessário que a escola se adeque a um novo rumo que socializa o aprender da escola com o ser social, realizando a conexão dos saberes elaborados por cada disciplina com a convivência coletiva em busca de solucionar possíveis problemas de forma autônoma. É nesse contexto que Yared (*apud* ANTISERI 1975) referente à interdisciplinaridade no seu sentido amplo, diz que

O trabalho interdisciplinar, portanto, não consiste no aprender um pouco de tudo, mas no enfrentar o problema (explicativo, imprevisível, interpretativo) com toda competência do especialista que domina o problema, suas dificuldades, as explicações e previsões dos outros competentes. Além do mais, do ponto de vista psicossocial, a interdisciplinaridade que se realiza através do trabalho de grupo, dos docentes e discentes, poderá ser um dos fatores que contribuem ao desarraigamento de competências na escola, enquanto impulsiona ao ver no outro um colaborador e não um rival. A interdisciplinaridade é uma luta contra os efeitos alienantes da divisão do trabalho. (YARED, 1975, p.185 -186)

Não é de hoje – há quadro décadas – que a interdisciplinaridade é assunto defendido por visionários que viam na educação uma forma de emancipação social, ao colocá-la como foco da compreensão do todo.

Tendo em vista que o estudante não é um ser imune aos conflitos e que, para solucioná-los, o conhecimento de uma disciplina estudada de forma unilateral tende a limitar a busca de determinadas explicações. Para cada situação conflituosa, é imprescindível a integralidade dos saberes como fonte de competência para a solução de um determinado problema.

Outra perspectiva apontada pelo autor, no que tange à interdisciplinaridade, é a competência de desfragmentar as relações que, ao invés de serem rivais, passarão a ser coletivas e colaboradoras, pois a contextualização dos saberes agregados à vida desmistifica a alienante divisão do trabalho.

Resta ao corpo docente avaliar o impacto do seu trabalho mediante a proposta que desencadeia habilidades e competências para uma vida satisfatória. É na promoção pela educação de qualidade e para todos que o professor reavalia suas propostas, reorganiza seus métodos, reaprende a ensinar e, sobretudo, quando encara o trabalho interdisciplinar como “tarefa desafiadora e complexa, ainda mais quando desafiarmos que isso seja feito de modo a formar sujeitos críticos e comprometidos com uma sociedade mais justa e mais solidária” (ALBUQUERQUE, LEAL e PESSOA, 2015. p. 36).

A escola que propõe se fazer atrativa e atraente, no sentido de garantir com qualidade o ensino, necessita colocar-se contraditória a metodologias tradicionais e propor o envolvimento de todos os seus educandos e educadores no processo, utilizando-se dos recursos pedagógicos para o crescimento profissional do professor, em busca de práticas que vá ao encontro da qualidade do ensinar e do aprender.

É chegada a hora de retomar o caminho do crescimento cognitivo, tendo como base os amparos legais que asseguram o princípio da semente lançada; a colheita vai depender do compromisso de cada profissional envolvido em fazer brotar de suas ações os resultados que a interdisciplinaridade pode promover.

Eis aqui a proposta de uma nova semente que se lança – a interdisciplinaridade -, cabe, agora, os processos cabíveis à germinação e à proliferação dos saberes que, movimentam procedimentos contemporâneos em busca da colheita de um cidadão com sua dignidade zelada pela educação de qualidade e para a vida, enquanto garantia legal.

## 1.2- Prática pedagógica inovadora: como proceder?

Mudar é um ato de coragem.  
É aceitação plena e consciente do desafio.  
É trabalho árduo, para hoje.  
É trabalho árduo, para agora.  
E os frutos só virão amanhã, quem sabe, tão distante...  
(Antônio Ferreira de Andrade)

Ter a certeza de que tudo está correto e de que nada precisa evoluir, mudar e progredir é sinônimo de retroceder no tempo e no espaço, isso quando a perspectiva se ampara na face da educação. O olhar cativo do docente precisa aspirar ao contrário, ou seja, a busca pela perfeição, pela integralidade dos aprendizados e pela inclusão de todos como mola mestra que pode alinhar os processos educacionais no qual as atitudes docentes precisam enveredar por práticas inovadoras que tendem a permear, de forma significativa, o cenário escolar.

Adotar práticas pedagógicas que inovam requer posturas atuantes no chão da escola, almeja altivez no decorrer de todos os processos de ensino e de aprendizagem, demanda consciência do desafio que tem que ser enfrentado e, sobretudo, a ânsia de ver uma sociedade emancipada pelos saberes inerentes à vida e ao advento das ciências que florescem sob o trabalho árduo acadêmico que emerge resultados que sempre são em curto prazo.

Ao abolir as práticas pedagógicas tradicionais, o docente está buscando estratégias novas de aplicabilidade ao trabalho que se pretende desenvolver. Sendo assim, deve-se ter em vista uma nova conceituação no processo do ato de ensinar e do aprender que tange saberes articulados, rompendo a fragmentação e apoiando a interdisciplinaridade como princípio, quebrando,

portanto, os paradigmas que acompanham e assombram a educação inovadora.

As ações educativas que se efetivam no chão da escola precisam ser pautadas em estudos que norteiam e legitimam o trabalho docente, tanto no quesito recursos e procedimentos quanto no fator legal, pois ao se tratar de processos educacionais e complexidade humana, no que se refere ao aprendizado, não faz sentido trabalhar de forma aleatória.

Esse aspecto demanda seriedade, respeito e compromisso no fazer educação para a vida. Inovação educativa demanda mudança de estratégias pedagógicas e a consciência de que há desafios para serem superados, tendo em vista que o ser discente é dinâmico e evolutivo, assim como o conhecimento.

E com o propósito de legitimar o trabalho docente no que discerne a amplitude dos procedimentos e dos recursos a empenhar na prática pedagógica como fator inovador, cabe colocar o que defende o Currículo em Movimento (SEDF, 2013), quando aborda de forma clara e objetiva que

Para garantir que a interdisciplinaridade se efetive em sala de aula, necessário se faz que os professores dialoguem, rompendo com a solidão profissional característica das relações sociais e profissionais na modernidade. Nas escolas públicas do DF, o diálogo necessário para que assumamos concepções e práticas interdisciplinares tem local para acontecer: as coordenações pedagógicas, espaços-tempos privilegiados de formação continuada, planejamento, discussão do currículo e organização do trabalho pedagógico que contemplem a interdisciplinaridade como princípio. (SEDF, 2013, p.69)

Nesse contexto, o corpo docente tem um tripé atuante no processo de altivez na mudança de postura, podendo, no entanto, romper com as caixinhas dos conteúdos para acelerar mudanças progressivas no concreto da sala de aula. Sair da monotonia individualista e progredir para o coletivo pressupõe a intencionalidade de colocar em prática a sustentação de que norteia três aspectos importantes: coordenações pedagógicas, formação continuada e a organização do trabalho pedagógico que contemplem a interdisciplinaridade como princípio são bases fundamentais para a inovação pedagógica realizada, de fato, no contexto educacional.

Conquistas ímpares que vislumbram novas práticas: a coordenação pedagógica que rompe com a individualidade, proporcionando coletividade no planejamento, na reflexão e na reelaboração de estratégias pensadas e ampliadas; a formação continuada dos docentes, como fonte de crescimento profissional, uma vez que se percebem estudos mais contemporâneos de práticas pedagógicas que incluem discentes no processo de apreensão do conhecimento e do ato de incluí-lo por meio da avaliação e, por fim, uma organização pedagógica legal que favorece o trabalho interdisciplinar.

É importante colocar que, nesse contexto, posturas lineares nas práticas docentes deixam de existir para dar lugar à altivez do professor em ampliar suas metodologias, vislumbrar parcerias e agregar estratégias inovadoras ao processo educativo escolarizado.

Entender a interdisciplinaridade e compreender como se encaminha o conhecimento globalizado, são passos notórios para a garantia dos saberes dos estudantes, uma vez que ele é amplo, dinâmico e evolutivo. Para o conhecimento se tornar significativo ao discente, é preciso dar sentido à aprendizagem, bem como desenvolver estratégias inovadoras que ampliem os saberes e práticas que resgatem a criticidade e a importância do fazer pedagógico. Lück (1995) ressalta que

O conhecimento é, ao mesmo tempo, um fenômeno multidimensional e inacabado, sendo impossível sua completude e abrangência total, uma vez que, a cada etapa da visão globalizadora, novas questões e novos desdobramentos surgem. Tal reconhecimento nos coloca, portanto, diante do fato de que a interdisciplinaridade se constitui em um processo contínuo e interminável de elaboração do conhecimento, orientado por uma atitude crítica e aberta à realidade, com o objetivo de apreendê-la e apreender-se nela, visando muito menos a possibilidade de descrevê-la e muito mais a necessidade de vivê-la plenamente. (LUCK, 1995, p.67)

Ao longo de alguns anos, os documentos educacionais da SEDF e do MEC sinalizam a importância de a escola tornar o discente protagonista de sua própria história. Para tanto, o corpo discente precisa se libertar de seu casulo e partir para um novo direcionamento que vise compromisso, empenho e enfrentamento da individualidade e monotonia. No entanto, “o trabalho interdisciplinar é tarefa desafiadora e complexa, ainda mais quando desejamos que isso seja feito de modo a formar sujeitos críticos e comprometidos com

uma sociedade mais justa e mais solidária”, acrescentam Albuquerque, Leal e Pessoa (PNAIC, 2015, p. 36 – Caderno: 3).

Abandonar práticas cristalizadas educacionais pressupõe evolução na arte de ensinar e de aprender, requer inovações concretas no cenário escolar e, sobretudo, almeja a inclusão. Até porque, não tem como haver inclusão discente, tendo como recurso os processos avaliativos excludentes, retrógrados e fragmentados.

Faz-se necessária a articulação do ensino com o saber, do conhecimento desenvolvido pela escola com a realidade do estudante e dos saberes com as avaliações para as aprendizagens. A partir dessa agregação, mediações e intervenções serão ministradas, pois a retomada e o avanço dos conteúdos congregados às várias áreas do conhecimento demandam o avaliar para progredir e/ou retroceder em alguns parâmetros.

A forma de como deve proceder o corpo docente, no que se refere à aplicação dos processos avaliativos, requer autonomia em seus procedimentos, desde que seja inserida a inclusão dos discentes aliada ao trabalho inovador no ato de ensinar, aprender e avaliar.

Nesse sentido, vale enfatizar o que aborda as Diretrizes de Avaliação Educacional (SEDF, 2014):

Os instrumentos/procedimentos e estratégias apresentados não se esgotam nem devem ter um fim em si. Precisam do olhar sensível e atento do avaliador que não deixará de utilizar a subjetividade que lhe é inerente. Não se deseja nem se prega a necessidade de tal eliminação; ao contrário, a formação cumprirá o filtro ético necessário para que se conduza a avaliação por meio de intencionalidades inclusivas e democráticas. O olhar avaliativo está presente em todos os tempos e momentos do convívio humano. (SEDF, 2014, p.63)

É possível perceber de forma clara a necessidade de se ter um olhar diferenciado por cada estudante, em cada contexto, bem como a percepção de aplicabilidade de instrumentos e procedimentos que possam enriquecer o passo seguinte do planejamento didático, uma vez que o corpo docente deve atentar para dois aspectos fundamentais a fim de ressignificar o fazer pedagógico, são elas: a aplicabilidade da interdisciplinaridade como princípio e a avaliação como forma de inclusão para as aprendizagens.

Tendo em vista que a avaliação é um processo que se faz presente em toda e qualquer circunstância de convivência e de interação educacional, o educador inovador tem autonomia de integrar o estudante ao seu fazer pedagógico, sendo ele contemplado na totalidade dos saberes.

As práticas pedagógicas que investem em projetos interdisciplinares são marcadas pelo trabalho coletivo, pelo compartilhamento de ideias entre os profissionais e pelo trabalho coletivo que, embora o todo esteja envolvido, também há enfrentamento de obstáculos “que poderão ser transpostos pelo desejo de criar, de inovar, de ir além” (FAZENDA, 2005, p. 18).

Contudo, as práticas pedagógicas inovadoras exigem responsabilidade para buscar qualificação profissional, envolvem desejo de fazer diferente, rompendo com conjunturas tradicionais, e requerem ações ousadas para avançar em uma postura docente reflexiva, criativa para atender a realidade social de cada aluno.

Em suma, vale revisitar Fazenda (2002):

[...] além do desenvolvimento de novos saberes, a interdisciplinaridade na educação favorece novas formas de aproximação da realidade social e novas leituras das dimensões socioculturais das comunidades humanas. [...] O processo interdisciplinar desempenha papel decisivo para dar corpo ao sonho de fundar uma obra de educação à luz da sabedoria, da coragem e da humildade. [...] A lógica que a interdisciplinaridade imprime é a da invenção, da descoberta, da pesquisa, da produção científica, porém gestada num ato de vontade, num desejo planejado e construído com liberdade. (FAZENDA, 2002, p.14,18 -19)

Profissionalizar-se implica em buscar respostas estratégicas para um trabalho docente significativo, imprimindo esforços pedagógicos no sentido de qualificar a ação educativa em sua plenitude.

### **1.3 - Relíquias da arte: um encontro entre pesquisadores**

Com o intuito de abrilhantar o meu objeto de pesquisa e, assim, promover a reflexão pertinente ao tema “Avaliação para as aprendizagens e sua relação com a interdisciplinaridade”, busquei apresentar outros trabalhos acadêmicos relacionados a essa temática.

Após realizar uma busca incessante, porém sem êxito na procura de produções acadêmicas que contemplassem o tema “A avaliação e a interdisciplinaridade”, no período dos últimos cinco anos - 2000 a 2015 -, optei por apresentar uma pesquisa que tende a enriquecer, de forma significativa, a reflexão acerca do presente estudo.

O primeiro trabalho de pesquisa que ressalto é uma produção acadêmica de especialização em coordenação pedagógica com vínculo à Universidade de Brasília - UnB -, cujo tema é “A avaliação ao final do Bloco Inicial de Alfabetização”, apresentada em 18 de abril de 2013, pela pesquisadora professora Odalúcia Maria de Araújo Lopes de Souza.

Trata-se de um estudo de caso em que se analisa como são avaliadas as crianças que cursam o 3º ano de escolarização do Bloco Inicial de Alfabetização, de uma escola da rede pública do Distrito Federal, bem como as concepções que a professora dessa classe tem sobre esse processo e suas intervenções junto aos alunos, após a aplicação e correção dos instrumentos de avaliação.

A temática proposta pela autora vem enriquecer o presente trabalho porque se refere ao processo da avaliação no contexto das aprendizagens.

O segundo trabalho tem como tema A interdisciplinaridade nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apresentado no ano de 2012, pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ -, pela pedagoga Josiane Adrieli Matter.

O estudo demanda de um levantamento bibliográfico que respalda as reflexões pertinentes à interdisciplinaridade e de uma pesquisa de campo em uma escola pública estadual que teve como objetivo geral investigar a compreensão dos educadores em relação à interdisciplinaridade, bem como o

resultado de uma prática pedagógica interdisciplinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A pedagoga explora o contexto da interdisciplinaridade como uma prática reflexiva e que pode colaborar para o desenvolvimento do educando, porque proporciona uma mudança de postura e visa atender às necessidades escolares.

A temática e a reflexão vistas à face da interdisciplinaridade vêm culminar com a minha pesquisa, uma vez que ambas retratam a interdisciplinaridade no contexto teórico e na prática como uma estratégia que pode envolver os conteúdos, superando, no entanto, a fragmentação rígida das disciplinas e atingindo o envolvimento dos saberes compartilhados e engajados no contexto de vida em sociedade.

O trabalho realizado de forma interdisciplinar proporciona uma educação que pode ir além dos muros da escola.

## 2- Metodologia: que rumo seguir?

A promoção do conhecimento requer uma série de estudos e análises que, ao serem confrontados, colaboram de forma significativa como fonte de pesquisa que, posteriormente, darão início a um novo saber. Isso acontece devido ao dinamismo em que as situações do dia a dia proporcionam. No contexto educacional, não é diferente, tudo acontece muito rápido, pois os parâmetros humanos são relativos entre si, como bem defende Gatti (2007):

Em educação a pesquisa se reveste de algumas características específicas. Porque pesquisar em educação significa trabalhar com algo relativo a seres humanos ou com eles mesmos, em seu próprio processo de vida. (...) para as questões ligadas à educação humana, porque certos controles não podem ser aplicados aos seres humanos e nem a situações sociais nas quais essa educação se processa. (GATTI, 2007, p.12)

Ao se referir à educação e aos sujeitos sociais envolvidos, é notória a percepção de certa complexidade, porque há todo um processo dinâmico que abrange a forma de pensar e de perceber a práxis educativa.

Com a intenção de realizar um aprofundamento científico pertinente ao tema, o presente trabalho se pautou na pesquisa qualitativa que versa sobre a não intencionalidade de tabulações numéricas, de forma a entender qual a representação social de profissionais da educação sem que o pesquisador faça ou proponha qualquer tipo de julgamento, conforme afirma Goldenberg (2004):

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador. (GOLDENBERG, 2004, p.53)

É importante ressaltar que a análise qualitativa demanda de detalhes peculiares próprios e que necessita da flexibilidade e da criatividade para pesquisar, de modo particular, com vistas a nortear o parecer final do que foi coletado com o seu olhar sensível, com sua percepção intuitiva unida à sua experiência profissional.

Ainda nesse sentido, completa a autora (2004):

A pesquisa qualitativa é útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente. [...] Também é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais. (GOLDENBERG, 2004, p.63)

Para o levantamento de informações acerca da avaliação para as aprendizagens e sua relação com o princípio da interdisciplinaridade, foram utilizados alguns procedimentos/instrumentos metodológicos pertinentes ao campo de pesquisa qualitativa, tais como: observação das estratégias de ensino e recursos utilizados para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, análise documental do Currículo em Movimento da Educação Básica (SEDF, 2013), Diretrizes de Avaliação Educacional: Aprendizagem Institucional e em Larga Escala (SEDF, 2014), Projeto Político Pedagógico, a execução dos planejamentos semanais e das atividades aplicadas pela professora participante da pesquisa com o intuito de efetivar o acompanhamento dos trabalhos de cunho pedagógico interdisciplinar, por meio da observação direta das aulas.

A análise documental permitiu perceber as convergências ou dissonâncias entre o que está escrito e o que acontece na prática, no chão da escola. O pesquisador precisa valorizar e apreciar o uso dos documentos, porque de alguma forma possuem informações que tendem a justificar ações e atitudes praticadas no contexto educacional, conforme relata Cellard (2008):

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (CELLARD, 2008, p.295)

É possível, por meio da análise documental, reconstituir um fato independente do tempo, pois sua valia representa uma nova descoberta a ser apresentada, mediante ao que se busca pesquisar.

“A observação é aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e exato”. Rampazzo (2005, p. 35) afirma que a observação é uma técnica ímpar, pois todas as funções sensoriais do

pesquisador têm um objetivo único. Delas, pode-se extrair nuances do contexto investigado, devido ao comprometimento do pesquisador.

A entrevista foi outro procedimento utilizado para a coleta de informações sobre o que se busca compreender. Nela,

“O pesquisador deve ter em mente que cada questão precisa estar relacionada aos objetivos de seu estudo. As questões devem ser enunciadas de forma clara e objetiva, sem induzir e confundir, tentando abranger diferentes pontos de vista”. (GOLDENBERG, 2005, p. 86).

O pesquisador, nesse caso, precisa necessariamente ter clareza acerca do seu objeto de pesquisa para, então, fomentar questões que venham colaborar para o alcance de seus objetivos. Diante disso, é importante manter-se distante de qualquer influência de direcionamento das respostas que possam vir a estabelecer com o entrevistado, objetivando eliminar qualquer risco de interferência direta ou indiretamente.

Por fim, a metodologia do presente estudo envolveu tanto a observação da prática pedagógica quanto a análise documental referente aos procedimentos/instrumentos avaliativos e interdisciplinares adotados em sala de aula.

A pesquisa em questão teve a intenção de compreender a relação existente entre a avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública.

É válido ressaltar que a presente pesquisa nasceu de uma inquietação que alia as práticas avaliativas ao princípio da interdisciplinaridade, como forma inovadora de emancipação humana no contexto educacional.

A professora interlocutora possui 26 anos de experiência, sendo 8 como alfabetizadora, participou como cursista das etapas do PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa) de Língua Portuguesa e Matemática e, atualmente, participa da etapa referente à Interdisciplinaridade. Segundo a professora, a formação é importante para qualificar sua prática pedagógica e necessária para inserir novas estratégias que venham atender as demandas da educação contemporânea. Além disso, continua trabalhando com uma turma

de alfabetização (3º ano) composta por 24 alunos, com idade entre 8 e 11 anos, sendo que 3 desses estudantes aguardam parecer médico, devido às dificuldades de aprendizagem demonstradas. Essas crianças já estão no 3º ano há 3 anos consecutivos e necessitam de um atendimento específico, pois demonstram sensibilidades notáveis em sua autoestima e, conseqüentemente, em sua aprendizagem.

### **3- Teoria e prática pedagógica: uma análise da realidade**

Nesse capítulo, apresenta-se a análise de dados advindos de um estudo de caso que ganhou forma no decorrer do mês de setembro e outubro do ano de 2015. A pesquisa se concretizou no chão de uma escola da Rede Oficial de Ensino do Distrito Federal, tendo como principal interlocutora uma professora com regência no 3º ano do Ensino Fundamental – 1º ciclo de alfabetização: BIA - Bloco Inicial de Alfabetização.

As análises foram realizadas atendendo a duas categorias: a avaliação para as aprendizagens e a sua relação com a interdisciplinaridade. Nesse contexto, tem-se a avaliação para as aprendizagens como foco instigador e propulsor no decorrer das interações entre as demais áreas do conhecimento.

Em dois meses de pesquisa, tempo destinado ao levantamento de dados relevantes e significativos, foi possível se ater aos documentos - PPP da escola e a atividade avaliativa: prova -, à entrevista e à observação direta em sala de aula, em diferentes dias, com vistas no que a teoria aponta e no que acontece de fato na prática da sala de aula.

No decorrer desses meses, um momento considerável foi poder acompanhar a elaboração, a aplicação e a correção da prova escrita que culminou nos procedimentos avaliativos realizados por meio de um dos projetos pedagógicos, denominado *Parceiros do Conhecimento* que visa a promoção dos saberes de forma interdisciplinar. A proposta do projeto visa a integração do discente, aliando o que se aprende ao que é necessário para a vida em sociedade.

É importante salientar que, em se tratando da metodologia adotada, o ponto norteador para a análise teve sua essência maior nos registros reflexivos verbalizados pela professora na entrevista. Os demais procedimentos - análise documental e observação - foram valiosos para embasar e dar sentido ao que era apontado pela interlocutora.

O presente estudo poderá colaborar para o avanço das discussões acerca da relação entre avaliação para as aprendizagens e interdisciplinaridade.

### 3.1- A entrevista: ponto de partida para a sala de aula

Por compreender que os registros reflexivos advindos da professora eram de grande valia, busquei neles o ponto central para a realização da análise de dados, perpassando pela observação e, posteriormente, pelos documentos oficiais da escola: PPP e a prova interdisciplinar.

Na ocasião, as análises documentais foram feitas considerando-se a concepção de avaliação com foco na aprendizagem, visto que o Projeto Político Pedagógico da escola Cantinho do Saber defende como função social a promoção de um “cidadão crítico, reflexivo e atuante”, podendo, no entanto, contribuir para a transformação de uma “sociedade mais justa”, favorecendo não só “a igualdade social” e a emancipação humana, mas, sobretudo, a garantia de aprendizagem, por meio do acesso e permanência de todos os alunos na escola, na perspectiva inclusiva do estudante no mundo científico/letrado.

Essa concepção é defendida pelas Diretrizes de Avaliação Educacional (SEDF, 2014, p.12), quando propõe que o ato de avaliar compreende, entre outros aspectos, o acolhimento, a inclusão do sujeito aprendente e a garantia de suas aprendizagens por meio do desenvolvimento de práticas avaliativas formativas.

É importante ressaltar, ainda, que o Currículo em Movimento (SEDF, 2013) amplia o horizonte dos saberes significativos e inerentes ao desenvolvimento e formação dos estudantes, quando resgata a importância de contextualizar os conhecimentos.

O professor que integra e contextualiza os conhecimentos de forma contínua e sistemática contribui para o desenvolvimento de habilidades, atitudes, conceitos, ações importantes para o estudante em contato real com os espaços sociais, profissionais e acadêmicos em que irá intervir. (SEDF, 2013, p. 68)

Nesse sentido, a contextualização pode ser um fio condutor para atrair e fazer com que os discentes permaneçam em busca de seu desenvolvimento cognitivo, bem como para conscientizar a importância da ação educativa dos pais/responsáveis em parceria com a escola, enquanto garantia de direito em

lei constitucional, conforme Artigo 227 da Constituição Federal (2012) que responsabiliza também a família a priorizar a educação de suas crianças, adolescentes e jovens.

É interessante lembrar que a instituição escolar, cenário da presente pesquisa, apresenta uma forte característica de fragilização quanto à continuidade dos saberes, pois ela é situada numa área de vulnerabilidade social onde o ingresso e o pedido de transferência dos educandos são uma rotina na instituição, sem falar na quantidade de educandos que ainda reprovam por faltas, em consequência da organização familiar que compõe a comunidade escolar.

Ciente da proposta defendida pelo Projeto Político Pedagógico da escola Cantinho do Saber, do Currículo em Movimento e das Diretrizes de Avaliação Educacional - documentos estes oficiais da SEDF-, a professora interlocutora Doroteia<sup>4</sup>, ao ser indagada na entrevista sobre sua concepção de avaliação, deixa transparecer suas dificuldades em atender na íntegra o que significa avaliar na perspectiva formativa:

[...] eu ainda tenho muito que aprender sobre a avaliação formativa, preciso me aperfeiçoar mais e uni-la à interdisciplinaridade, pois ainda sinto a necessidade do calendário de provas com lista de conteúdos e data destinada para a realização dos testes escritos. É como se eu precisasse de alguma coisa concreta para dar satisfação aos pais. [...] mas, confesso que já melhorei nesse aspecto. Hoje já não faço mais provas separadas de acordo com cada disciplina e não só avalio pela forma escrita.

Essa dificuldade é constatada no decorrer da observação. Embora suas práticas pedagógicas atendessem à interdisciplinaridade como princípio, Doroteia verbalizou expressões como: *“Prestem atenção, esse conteúdo vai cair na prova!”*; *“[...] na hora da prova, não quero ninguém me perguntando nada[...]”*. A professora marcou seu comportamento como incoerente em seu trabalho em sala de aula.

Tais expressões ainda pressupõem uma educação pautada na avaliação punitiva, o que contradiz com o que foi percebido no decorrer da entrevista. Boa parte das estratégias empenhadas no trabalho pedagógico da professora

---

<sup>4</sup> Refere-se a um pseudônimo para resguardar a identidade da professora interlocutora.

faz apontamentos para uma postura avaliativa abrangente, com uma dimensão maior no que tange às aprendizagens, isso porque ela também adota uma espécie de diário de bordo no qual realiza anotações importantes sobre os avanços e necessidades cognitivas ainda não apreendidas pelo educando. As anotações darão base ao planejamento seguinte.

Ainda sobre esse trabalho, na maior parte do tempo, Doroteia se mostra dinâmica ao aplicar os conteúdos. Além de promover a interação da turma, com o trabalho de grupo e coletivo, suas aulas também seguem uma sequência lógica, alinhando saberes diferenciados à luz de disciplinas diversas, pois as crianças apreciavam e participavam com contentamento das atividades propostas pela professora interlocutora. A cada semana, havia uma novidade para surpreendê-las. Surpresas como temas curiosos, livros divertidos, jogos cooperativos e de competição, desafios, dentre outras atividades dinâmicas fazem parte do cotidiano da sala de aula da educadora.

A novidade referente à semana seguinte era anunciada às sextas-feiras por meio de pistas. “[...] dessa forma as crianças se sentem estimuladas e eufóricas, com expectativas pela semana que parece demorar a começar, devido aos acontecimentos que busco trazer semanalmente”, diz Doroteia com um semblante de alegria e emoção ao descrever sua prática pedagógica, após se empenhar, estudar e encarar sua formação continuada no Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC.

A professora responsabiliza a formação continuada e avalia-a como necessária para mudanças de postura docente ao relatar com orgulho: “[...] há três anos, comecei a mudar, aos poucos, o meu jeito de alfabetizar e, atualmente, me esforço para trabalhar de forma interdisciplinar, colocando em prática o que aprendi e me envolvendo nos processos avaliativos [...]”. Nesse contexto, fica perceptível que suas práticas vêm se aprimorando gradativamente e relatam a importância da ação avaliativa como transformadora da ação educativa, conforme percebemos a seguir: “[...] se eu soubesse que era tão gratificante assim, eu teria mudado a minha forma de trabalhar a mais tempo, pois as crianças mudam até o comportamento. Elas se

*envolvem mais nas aulas, aprendem e minimizam suas travessuras [...]”*. Eis o que diz Martiniak (2015):

A formação profissional do professor vai se construindo na medida em que ele mobiliza os seus conhecimentos pela articulação entre teoria estudada e prática vivenciada, superando o racionalismo técnico e a fragmentação do conteúdo. [...] a interdisciplinaridade tem a potencialidade de produzir conhecimento quando estabelece relação entre o conteúdo ensinado e a realidade social.(MARTINIAK, 2015, p.55)

Em diversos momentos da fala da interlocutora, ela sinaliza a importância dos espaços/tempos da coordenação pedagógica para fins de estudos em prol de sua formação continuada e, também, para a elaboração dos planejamentos, tendo em vista a organização do trabalho pedagógico. Nessa linha de pensamento, Doroteia exclama: *“[...] é muito prático entrar numa sala de aula, com mesas enfileiradas e as crianças com o livro didático realizando as tarefas ou transcrevendo do quadro! [...]”*. Mais tarde, em sua entrevista, ela se mostra decidida e afirma. *“Difícil, porém necessário, é entrar numa sala e ver cada criança como única e capaz de aprender [...]. A gente precisa se empenhar para não só buscar, mas para oferecer uma aprendizagem eficiente e útil à vida de cada uma delas [...]”*.

Ao elaborar a rotina do dia com as crianças, foi notória a participação coletiva dos alunos ao demonstrarem curiosidade em saber sobre o que iria acontecer. Nesse dia, precisamente, era uma segunda-feira e a aula teve início com uma leitura deleite, seguida de um caça ao tesouro, tendo como brinde um vídeo e, por fim, um livro de literatura que contempla o tema da semana.

O que acontece, de fato, é a execução de um projeto semanal que estabelece uma relação entre os conteúdos trabalhados, entre uma disciplina e outra, seguindo diariamente uma sequência didática, como relata a professora:

*[...] O trabalho pedagógico segue uma sistematização para a escolha do tema. Em seguida, serão traçadas as disciplinas que emergem do tema com seus respectivos conteúdos, partindo para a ação diagnóstica, reflexiva e de pesquisa, fazendo a conexão entre os problemas e a busca de resposta ligada à vida em sociedade. Organizo tudo em uma sequência didática que facilita o trabalho interdisciplinar [...]. Ao instigar a participação das crianças, estou promovendo o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Trazendo atividades lúdicas e dinâmicas, consigo atingir metas*

*ambiciosas porque eles passam a gostar da escola e evitam faltar [...], sem contar com a interação entre eles que muito me ajuda [...]. Eu só consigo trabalhar dessa forma se eu planejar, caso contrário, sinto o retrocesso do meu trabalho [...]*”.

A professora disse que as coordenações coletivas são valiosas para a elaboração do planejamento e para o redirecionamento de estratégias que precisam ser peculiares a cada criança. Esse aproveitamento de tempo e espaço para o fortalecimento das aprendizagens dos professores e, conseqüentemente, dos alunos, ganha destaque e amparo legal no Currículo em Movimento (SEDF, 2013, p. 69) ao retratar que “as coordenações pedagógicas, espaços tempos privilegiados de formação continuada, planejamento, discussão do currículo e organização do trabalho pedagógico que contemple a interdisciplinaridade como princípio”.

A percepção da professora interlocutora está em consonância com o PPP da escola Cantinho do Saber o qual sinaliza a necessidade de desenvolver ações pedagógicas, tendo como base o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB.

Práticas pedagógicas sistematizadas, como as verbalizadas por Doroteia, imprimem uma nova escola que surge da necessidade social. E para chegar a tanto, faz-se necessário empenhar formação, atitude e empenho.

Desenvolver conteúdos de forma integrada e associá-los às áreas do conhecimento é um desafio docente, porém quando estes estão conectados a ludicidades sistematizadas, tendo como fio condutor um tema, as práticas pedagógicas ganham concretude no chão da escola.

Pessoa reafirma que (2015)

O trabalho com a interdisciplinaridade ainda parece ser um desafio para o professor, porém consideramos que a organização das atividades por meio de sequência didática pode ajudar o docente a desenvolver um trabalho mais integrador. (PESSOA, 2015, p.76)

Tal afirmação pode ser comprovada no decorrer da observação realizada na sala da professora Doroteia, e em suas palavras enquanto era entrevistada:

[...] primeiramente, eu busco um tema ou um problema, depois busco as disciplinas e seus respectivos conteúdos e uma forma lúdica e

dinâmica de integrá-los e de trabalhar com o objetivo de envolver os meninos. [...] Todos os dias eu proponho jogos, brincadeiras e recreações livres e direcionadas. Não posso perder de vista a minha intencionalidade que está pautada no objetivo que quero chegar, e a cada procedimento busca fazer a avaliação como forma de prosseguir ou retomar [...].

Esses procedimentos são contagiantes ao perceber não só a evolução cognitiva das crianças, mas também as ações de parceria, de interação e de apoio que a professora pode estabelecer entre os pares.

Ao presenciar uma atividade proposta em sala pela professora, foi possível perceber que os seus objetivos foram atingidos e que ela conseguiu vencer todas as etapas propostas no planejamento.

A atividade aconteceu da seguinte forma: No primeiro momento da aula, a professora conduziu as crianças para o pátio da escola e realizou a leitura deleite do primeiro capítulo do livro literário “O voo do Xico”, de Denise Martins e Cintia Amorim, com as ilustrações de Geraldo Martins. Ao retornar para a sala, ela organizou as crianças em quatro grupos e propôs o jogo da velha no qual cada um deles tinha a sua vez de participar, escolher sua jogada, responder as atividades no coletivo e, em seguida, apresentar à turma. Foi uma experiência gratificante observá-los, pois eles interagem com o próprio grupo e depois expressavam suas ideias, reflexões e cálculos aos demais colegas. O tão conhecido jogo continha envelopes com questões variadas atendendo a conteúdos diversos à luz das disciplinas. Naquele momento, se concretizava uma revisão dos conteúdos trabalhados durante a semana.

Na ocasião, a professora observava atentamente cada exercício realizado pelas crianças e, em caso de necessidade, mediava e intervia, fortalecendo o desenvolvimento cognitivo delas e, ao mesmo tempo, avaliando-as, como fez no final da aula. Uma situação curiosa eram as anotações que a docente realizava em seu diário de bordo no decorrer de todo o tempo, “[...] agora sei o ponto de partida em que devo me situar para realizar meu próximo planejamento, pois ao realizar uma revisão interdisciplinar, dinâmica e participativa, pude perceber as dificuldades de cada um e saber como intervir [...]”, verbalizou Doroteia, após um momento gratificante no qual ela pode

desenvolver o conteúdo por meio da ludicidade, avaliando as aprendizagens de forma interdisciplinar. A respeito disso, Bernardelli (2015) diz que:

Na sala de aula, o trabalho com atividades lúdicas está cada vez mais frequente nas instituições escolares, o qual é associado também ao conteúdo. Os docentes elaboram jogos, histórias para apresentar ou complementar o currículo de maneira significativa para os alunos. Os jogos em especial, criam condições fundamentais para o desenvolvimento do aluno, além de promoverem a participação coletiva e individual em ações que possam melhorar o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. (BERNARDELLI, 2015, p.30)

De fato, a professora elaborou questões de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências articuladas a uma temática intitulada “A Terra que eu quero”. Em seguida, proporcionou um momento em que as crianças precisavam ler, escrever, refletir, realizar cálculos de raciocínio lógico-matemático e produzir textos argumentativos e críticos com base em conceitos de cunho geográfico, histórico e científico, de forma prazerosa e significativa.

Martiniak (2015) explica com propriedade a motivação expressa por Doroteia em sua entrevista, ao relatar que “[...] *já tomei posse desse grande passo na minha vida profissional. Eu agora já estou aprendendo a pensar o todo e a avaliar para planejar, tendo como objetivo o aprendizado do meu aluno [...]*”, ao expor que “Quando se articula e mobiliza os conhecimentos teóricos com os desafios da prática pedagógica, o professor percebe-se como agente transformador da educação” (MARTINIAK, 2015, p. 54). Eis o sentimento nítido e plausível de Doroteia que a faz perceber na prática os resultados de sua mudança de postura. “[...] *Eu diria que quem ainda não fez essa experiência de avançar e atuar de forma interdisciplinar que ouse e faça! E quem só avalia para finalizar etapa e bimestre está perdendo tempo na sala de aula e negando o direito do aluno [...]*”.

A professora demonstra mais segurança, embora expresse que ainda necessita de aperfeiçoamento, quando acrescenta: “[...] *e a avaliação diária, então? É um aprendizado que busco sempre! Preciso me aperfeiçoar e buscar estratégias para não cometer os mesmos erros de antes [...]. Por isso, o meu livro de cabeceira são esses!*”. E mostrou com orgulho os Pressupostos

Teóricos e o Ensino Fundamental: Anos Iniciais do Currículo em Movimento (2013) e as Diretrizes de Avaliação (2014), documentos norteadores da SEDF. Ao realizar a manipulação dos livros, foi possível perceber os sinais de uso pelas marcações textuais.

Nota-se aqui que o ato de avaliar tomou uma nova dimensão para a professora, ao aderir a uma concepção de que a avaliação deve ser processual, contínua e diária. Ela percebeu que o ato de avaliar pressupõe tanto a aprendizagem como o ensino, sendo necessário realizar a autoavaliação, no que se refere aos procedimentos para alcançar com êxito a meta almejada. Assim, diz Doroteia:

*[...] Quando eu vejo que alguma criança não conseguiu aprender um determinado conteúdo, tento mirar dois focos. O primeiro é verificar se aquele aprendiz atende à necessidade do momento daquela criança; e o segundo é se a metodologia que eu utilizei para promover o aprendizado foi adequada para desenvolver a capacidade de apreensão do estudante. Sei que eu não posso subestimar meus alunos. Eles são capazes de aprender! [...] Eu também estou aprendendo a ter uma nova postura em minhas aulas!*

Para fortalecer as capacidades cognitivas de cada alfabetizando, a professora busca retomar suas intencionalidades traçadas durante o planejamento, reavaliando conteúdos representativos para o desenvolvimento dos educandos.

Se colocar na posição de aprendiz no âmbito educacional tende a ser um excelente parâmetro para quem quer avançar, para quem quer romper com modelos engessados pelo tempo e para quem quer traçar caminhos sobre uma nova rota rumo às novas aprendizagens. E isso, sem dúvida, requer ousadia profissional.

### **3.2- Prova escrita, como evoluir?**

Por séculos, o ato de avaliar demandou do professor uma postura rígida, disciplinada e objetiva. Dessa forma, implantou procedimentos rotineiros que também demandarão tempo e estudos para minimizá-los, ou quem sabe, erradicá-los? Eis o desafio da educação contemporânea.

Uma rotina comum presente na avaliação da aprendizagem é a prova escrita que atende categoricamente seu papel de vilã na história de vida de muitos estudantes, como uma forma de excluir.

Atualmente, ainda se adota essa prática nas escolas, conquanto mais moderada no seu sentido punitivo, ela não deixa de existir.

Essa assertiva pode ser comprovada por meio da fala da professora Doroteia logo no início da entrevista, ao relatar que ainda faz uso do calendário de provas e da avaliação escrita como ponto de segurança, a fim de mostrar aos pais/responsáveis o desenvolvimento das crianças.

O calendário orientava duas datas consecutivas para a realização da avaliação em duas etapas, sendo interdisciplinar com 12 questões. Ou seja, em um dia a criança tinha oportunidade de fazer a primeira parte da prova (seis questões) e, no dia seguinte, poderia retomar as questões anteriores – caso quisesse – e concluir a etapa seguinte da prova.

Após a montagem do calendário, a professora Doroteia busca garimpar textos que contemplem os conteúdos trabalhados em sala e previstos no calendário. E que garimpagem!

Achados os textos, o momento foi de alinhar o planejamento de sala com os conteúdos para a elaboração da prova. Esta foi elaborada pelo coletivo de professores do 3º ano, depois repassada a outras duas professoras de outros anos no intuito de conferirem o gabarito.

O procedimento para a realização da avaliação foi o habitual: cada aluno a fez, sem interferência direta da professora. Vale dizer que, após entrega da avaliação, a professora fez a leitura da prova e tirou dúvidas apresentadas pelas crianças.

O silêncio tomou conta da sala, pois a professora foi direta ao falar:

*[...] Fiquem todos atentos às minhas explicações! [...] depois que eu entregar a prova, ler e tirar as dúvidas, não quero saber de conversa e nem de andanças pela sala! É para todos fazerem o que sabem. Aqui não tem bicho papão! O segredo é ler e fazer! Silêncio absoluto! [...].*

Notadamente, o silêncio tomou conta da sala. Alunos compenetrados no que fazem ou retraídos na dúvida? Esse questionamento foi meu companheiro de observação. Confesso que até eu fiquei apreensiva!

O que presenciava, na ocasião, não comungava com as aulas que tinham sido observadas anteriormente. Participação, envolvimento, trabalho em grupo e em parceria entre os pares e adultos. Tudo se desfazendo naquele momento. Avanços ou retrocesso? Chegava a ser angustiante.

Porém, o tempo foi passando e tudo aconteceu como havia dito a professora: *nada de barulho, nada de pedidos para sair e nada de chamar a professora*. Era cada um por si.

Um pouco mais de uma hora após o início da prova, uma mão se estendeu. Doroteia se dirige ao estudante, recolhe sua prova e orienta a todos a irem para o cantinho da leitura, após a atividade avaliativa, ler os gibis novos que ela havia trazido para a turma. Foi uma alegria só. E assim, gradativamente, foi acontecendo a execução da atividade proposta, seguida de recreação direcionada.

Vale enfatizar que, durante a realização da prova, não se percebeu choros, rumores de nervosismos e apreensão por parte das crianças. Elas até se levantavam para ir ao banheiro, comiam o chocolate dado pela professora e retornavam ao teste escrito. Tudo acontecendo naturalmente.

Aos poucos, ia se desmistificando a ideia de retrocesso, pois era uma mudança trágica de metodologia. As crianças faziam um teste escrito com características modernas, porque se tratava de uma atividade interdisciplinar, em moldes tradicionais no ato da aplicação.

Diante desse cenário, a observação ficou mais acirrada. As crianças se mostravam tranquilas e saltitantes, embora não tivessem realizado todas as questões propostas.

Ainda nesta semana de realização do teste escrito, a professora atendia individualmente cada criança, no horário contrário à aula. Na coordenação pedagógica, ela fazia as intervenções/mediações do teste escrito aos estudantes. Cada um deles tinha o seu horário, era como se fosse um reforço.

Nesse momento, um observador não pode ficar de fora. E para surpresa declarada, ocorreu a devolutiva do teste feito por eles.

Todas as crianças tinham a oportunidade de reler o teste, de fazer explicações pertinentes as suas respostas e, na ocasião, recebiam intervenções e elogios relacionados aos seus avanços. Os estudantes se sentiam incentivados e capazes, algo perceptível nos semblantes que resplandeciam alegria e aprendizado.

Foi um momento ímpar em todo o processo de avaliação, pois aquela postura de intervenção pedagógica marcava positivamente cada educando. Eles tinham a atenção individualizada da professora. Valorização absoluta foi o termo encontrado para caracterizar o momento.

Com isso, a avaliação formativa pode proporcionar elementos complementares ao desenvolvimento dos estudantes. Apesar de a professora Doroteia ter se colocado num patamar de insegurança, demonstrando-se sedenta por mais aprendizado para trabalhar a interdisciplinaridade na perspectiva da avaliação formativa, ela buscou recursos pautados em estudos para ressaltar o interesse de cada criança dentro dessa perspectiva de participação, argumentação e potencial de forma coletiva, no âmbito da sala e no individual, quando realizou as devidas mediações e as intervenções junto aos estudantes.

Eis a transformação dos recursos retrógrados, em sintonia com a tranquilidade, com a interação direta e particular de cada educando na hora da correção da prova. Momento de encorajamento das aprendizagens! Nesse sentido, a professora Doroteia se mostrou coerente com a concepção formativa da avaliação prevista nos documentos da rede de ensino público.

Assim, qual a finalidade da avaliação formativa? Conhecer melhor o aluno, suas competências curriculares, seu estilo de aprendizagem, seus interesses e suas técnicas de trabalho. Nessa avaliação, o professor recolhe informações, continuamente, por meio de diversos procedimentos metodológicos, e analisa o grau de aprendizagem do aluno, ora em relação a toda turma, ora em relação a si mesmo. Sob essa ótica, o professor adequa o processo de ensino aos alunos, como grupo e individualmente, que apresentam dificuldades, tendo em vista os objetivos propostos. [...] No BIA, a avaliação ocupa o espaço da sala de aula, analisando não apenas resultados, mas o desenvolvimento, a participação, a participação, a capacidade

argumentativa, enfim, todos os aspectos que sinalizam os avanços na reconstrução dos conhecimentos pelos alunos. (SEDF, 2009, p.51)

Os procedimentos adotados pela professora Doroteia colaboram, de forma significativa, para o desempenho integral dos educandos. Portanto, observou-se, notoriamente, que a ludicidade e o dinamismo na prática pedagógica docente podem perpassar pelo contexto interdisciplinar, por meio das atividades planejadas à luz das áreas do conhecimento, atendendo uma sequência didática que proporciona aos educandos a promoção para as aprendizagens.

Desse modo, as práticas pedagógicas interdisciplinares investidas no cotidiano do chão da escola têm uma relação estreita no processo da avaliação formativa, porque tendem a proporcionar um pensamento que desenvolve habilidades e desperta potencialidades provenientes à vida social.

Contudo, a relação entre a avaliação para as aprendizagens e a prática pedagógica interdisciplinar define-se como uma escola integradora que busca avaliar para incluir e ensinar para emancipar, por meio de práticas pedagógicas inovadoras.

## Considerações Finais

[...] O processo interdisciplinar desempenha papel decisivo para dar corpo ao sonho de fundar uma obra de educação à luz da sabedoria, da coragem e da humildade. (FAZENDA, 2002, p.18)

Diante do contexto social em que a escola se faz presente, tamanha é a sua responsabilidade. Ampliar horizontes sociais, por meio de práticas pedagógicas que vislumbrem a concretude de um sonho que vise uma sociedade emancipada em que o conhecimento seja a favor da vida em plenitude, requer da instituição escolar a coragem para ousar com sabedoria e a humildade para vencer com determinação, atingindo, no entanto, sua missão educativa.

A presente reflexão enveredou-se pela temática da avaliação para as aprendizagens e sua relação com as práticas pedagógicas interdisciplinares, sendo ela ancorada por um referencial teórico, por meio de um estudo de caso e análise de dados.

A entrevista com a professora interlocutora norteou a reunião dos demais recursos, pois sua fala foi o ponto referencial para que as demais informações advindas das observações e documentos pudessem se ajustar e chegar a uma análise que me rendeu maturidade profissional, prazer e conhecimento.

A avaliação para as aprendizagens culmina com seu aspecto formativo, uma vez que o avaliador precisa conhecer, interagir, mediar e, também, ser parte dela para poder intervir, significativamente, nos seus processos.

Quanto às práticas pedagógicas interdisciplinares, considero-as essenciais, pois não se trata da minimização ou erradicação dos componentes curriculares, mas, sobretudo, da interação sábia entre os mesmos.

Na interdisciplinaridade, um determinado conteúdo pode ser estudado à luz das diversas áreas do conhecimento, atingindo, assim, a amplitude do saber inerente à vida em sociedade.

As atividades que atendem aos requisitos de uma sequência didática alinham-se com o princípio da interdisciplinaridade, podendo, também,

favorecer a avaliação formativa, visto que o planejamento aspira à retomada e ao avanço dos saberes propostos.

Ao buscar referenciais teóricos e os dados, frutos da pesquisa de campo por meio da entrevista com a professora interlocutora, observações realizadas em sala de aula e análise documental, foi possível perceber que há uma estreita relação entre a avaliação para as aprendizagens e a prática pedagógica interdisciplinar, no que concerne ao avanço dos processos avaliativos e à apropriação de posturas relevantes no ato de ensinar/aprender. Ambos culminam em ações pedagógicas inclusivas de inclusão do estudante.

Nesse contexto, a avaliação formativa age de maneira a incluir o estudante no processo de aprendizagem contínua, da mesma maneira em que a interdisciplinaridade busca conectar os saberes necessários à vida. Eis uma escola integradora que busca avaliar para incluir e ensinar para emancipar.

Práticas pedagógicas pautadas na ludicidade, no dinamismo e na criatividade podem tornar o chão da escola palco para o protagonismo do aluno a partir dos seus saberes e da formação docente para o aprimoramento do fazer pedagógico.

As análises aqui apresentadas não se caracterizam como uma resposta pronta e absoluta, mas trata-se de apontar um caminho, um rumo e de dar um norte à ampliação da discussão sobre a relação entre a avaliação para as aprendizagens e o currículo interdisciplinar.

Tendo ciência de que a educação escolarizada é um importante suporte para o equilíbrio social e que lida com seres dinâmicos e evolutivos, é fato que as práticas pedagógicas necessitam ser imbuídas de temáticas que ampliam os saberes, que dinamizam a interação entre os pares/adultos e que, sobretudo, abrilhantem a valorização pela vida em diversidade e pela diversidade.

Práticas inovadoras que compreendem novas concepções de avaliação, de ensino e de aprendizagem precisam ser inseridas concretamente no dia a dia da escola.

Diante disso, quero ressaltar a importância do coordenador pedagógico como determinante à formação continuada dos professores, proporcionando-lhes reflexão acerca de suas práticas em sala de aula, tanto no quesito

procedimental quanto na revalidação do processo avaliativo que pode ser disseminado no próprio espaço/tempo da coordenação pedagógica de forma coletiva.

O tempo foi meu maior rival durante todo esse período de estudo. Por se tratar de um curso a distância, precisei organizar meus horários, focar objetivos e me disciplinar para chegar à conclusão do mesmo. Não tive que enfrentar problemas quanto à execução de procedimentos metodológicos, apesar da greve dos professores da rede pública, pois me organizei com antecedência e isso fez toda diferença na reta final desse curso.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rielda Karyna de. LEAL, Telma Ferraz. PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves. **O tempo escolar em propostas interdisciplinares de ensino: a leitura como elo integrador do ensino.** *In:* BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa. A interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno 03/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à gestão educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. p. 34 – 45

ALMEIDA, Inês Maria M.Z. Pires de. **A Psicanálise e a Universidade: a questão do lugar do saber psicanalítico, ensino ou transmissão? Os Docentes, a memória educativa e as (im)possíveis conexões com a Psicanálise.** Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <[http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/Download/3e\\_PiresA\\_130161003\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/Download/3e_PiresA_130161003_port.pdf)>. Acesso em: 25 set de 2015.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 24 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.693/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 2015. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 05 agost. 2015.

BERNADELLI, Kellen Cristina Costa Alves. **A criança no ciclo de alfabetização: ludicidade nos espaços/tempos escolares.** *In:* BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa. A interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno 02/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à gestão educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. p. 23 – 33

CELLARD, A. **A análise documental.** *In:* POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

DISTRITO FEDERAL, **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos.** Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_, **Diretrizes de Avaliação Educacional: Aprendizagem, Institucional e em Larga Escala 2014-2016.** Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_, SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. **Bloco Inicial de alfabetização: o desafio da mudança.** Brasília, 2009.

FAZENDA. Ivani Catarina Arantes (Org). **A pesquisa em educação e a transformação do conhecimento**. Campinas:Papirus,1995.

\_\_\_\_\_**Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2.ed.São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_**Didática e Interdisciplinaridade**. 17ª ed. Campinas, SP: Papirus,3ª reimpressão. 2014.

\_\_\_\_\_**Práticas interdisciplinares na escola**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FAZENDA. Ivani Catarina Arantes (Org). YARED, Ivone. **O que é Interdisciplinaridade?** 2.ed. São Paulo: Cortez. 2013. p. 167 - 172

FERNANDES. D. **Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas**. Lisboa: Texto Editora.2005.

FISCHER, B.T.D. **Avaliação das aprendizagens: a obsessão pelo resultado pode obscurecer a importância do processo**. *In*: WERLE,F.O.C(org.). A Avaliação em larga escala: foco na escola. Oikos, Liber Livro, Brasília-DF,2010.

FREITAS, Luiz Carlos. *Et.al.* **Avaliação Educacional: caminhando pela contramão**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

MARTINIAK, Vera Lucia. **Professor como protagonista: a construção da autonomia docente no processo de formação continuada**. *In*: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa. Caderno de apresentação. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à gestão educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. p. 52 - 61

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GOLDENBERG, Mirían .**A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HOFFMANN, **Jussara**. **Avaliação: Mito e desafio, uma perspectiva construtiva**.9.ed.Porto Alegre.RS.1993.

LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar: Fundamentos teórico-metodológicos**.3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 11.ed.São Paulo:Cortez, 2001.

MELO, Fábio de. **O discípulo da madrugada**. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

MENDES, Adelma Barros. GOMES, Rosivaldo. SILVA, Josenir Sousa da. **A interdisciplinaridade no ciclo da alfabetização**. *In*: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa. A interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno 03/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à gestão educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. p. 9 - 21

PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves. **Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização: o trabalho com sequência didática**. *In*: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa. A interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno 03/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à gestão educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. p. 64 - 76

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3ª edição. Loyola. São Paulo. 2005.

SOUSA, S.Z. **Avaliação Escolar: constatações e perspectivas**. Revista de Educação AEC, Brasília -DF, ano 24, nº 94, p.63, jan./mar., 1995.

#### **Sites consultados:**

Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5581/1/Limitac%CC%A7o%CC%83es%20e%20potencialidades%20da%20avaliac%CC%A7a%CC%83o%20educacional.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

Disponível em: <http://www.espacoeducar.net/2012/07/muitas-tirinhas-da-turma-da-monica-para.html>>. Acesso em: 20. set. 2015.

Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=9945>>. Acesso em: 10. set. 2015.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Behaviorismo>>. Acesso em: 12. jun. 2015.

## APÊNDICE 1

### AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_, diretora responsável por esta unidade escolar, autorizo **UMBERTA RODRIGUES RAMOS PORTELA** a realizar pesquisa nesta escola para elaboração de seu trabalho de conclusão de curso de Especialização em Coordenação Pedagógica no corrente ano, desde que sejam esclarecidos aos participantes os objetivos e os procedimentos da pesquisa.

Será possibilitado à pesquisadora o acesso a esta instituição nos momentos de trabalho pedagógico, não sendo permitida a sua interferência no desenvolvimento das atividades sem que lhe seja solicitada.

Concordo com a publicação dos resultados da pesquisa em questão desde que não sejam utilizadas informações em prejuízo das pessoas envolvidas e/ou da instituição, bem como sejam mantidos o sigilo e o anonimato da escola e dos interlocutores, se assim desejarem.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

**Assinatura do(a) Gestor(a) da Unidade Escolar**

## APÊNDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro ter sido informado(a), de forma clara e objetiva, que a pesquisa “A avaliação para as aprendizagens e sua relação com a interdisciplinaridade: uma prática pedagógica inovadora” tem como objetivo central “Compreender a relação entre a avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública”. Consinto a observação do meu trabalho em sala de aula pela pesquisadora **Umberta Rodrigues Ramos Portela**. Estou ciente de que os dados coletados por meio dessa observação terão caráter confidencial e serão usados como material de reflexão para o seu Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, podendo vir a ser utilizados também em trabalhos acadêmicos decorrentes da pesquisa. Concordo com o uso de um pseudônimo no intuito de resguardar o meu anonimato como participante da pesquisa. Receberei informações sobre o estudo, as quais poderão ser obtidas também pelo endereço [umbertamos@ibest.com.br](mailto:umbertamos@ibest.com.br). Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado para atender a objetivos científico-acadêmicos, mantendo a minha identidade em sigilo. E por estar de pleno acordo com os termos ajustados e mencionados neste termo, assinamos o presente instrumento em 02 (duas) vias de igual teor e forma para um só efeito.

Brasília - DF, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Interlocutor(a) da pesquisa**

---

**Responsável pela pesquisa**

### APÊNDICE 3

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro ter sido informado(a), de forma clara e objetiva, que a pesquisa “A avaliação para as aprendizagens e sua relação com a interdisciplinaridade: uma prática pedagógica inovadora” tem como objetivo central “Compreender a relação entre a avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública”. Consinto a observação do meu trabalho em sala de aula pela pesquisadora **Umberta Rodrigues Ramos Portela**. Estou ciente de que os dados coletados por meio dessa observação terão caráter confidencial e serão usados como material de reflexão para o seu Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, podendo vir a ser utilizados também em trabalhos acadêmicos decorrentes da pesquisa. Concordo com o uso de um pseudônimo no intuito de resguardar o meu anonimato como participante da pesquisa. Receberei informações sobre o estudo, as quais poderão ser obtidas também pelo endereço [umbertaramos@ibest.com.br](mailto:umbertaramos@ibest.com.br). Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado para atender a objetivos científico-acadêmicos, mantendo a minha identidade em sigilo. E por estar de pleno acordo com os termos ajustados e mencionados neste termo, assinamos o presente instrumento em 02 (duas) vias de igual teor e forma para um só efeito.

Brasília - DF, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Interlocutor(a) da pesquisa**

---

**Responsável pela pesquisa**

## APÊNDICE 4

### **Objetivo Geral:**

Compreender a relação entre a avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública.

### **Objetivo específico:**

1. Identificar práticas pedagógicas interdisciplinares adotadas pelos docentes.

Protocolo de registros de análise documental: **Projeto Político Pedagógico (PPP)**

Indicadores	Observação
1- Justificativa da necessidade social da escola	
2- Concepção de educação, sociedade, ensino e aprendizagem e de avaliação	
3- Princípios fundantes do PPP	
4- Objetivos do PPP	
5- Articulação entre as políticas da SEDF e as contidas no PPP	
6- Concepção de trabalho pedagógico e coletivo	
7- Plano de ação com relação aos objetivos traçados no PPP	
8- Função do coordenador pedagógico/plano de ação	
9- Coordenação pedagógica: tempo e espaço de formação e planejamento pedagógico	
10- Projetos interdisciplinares	

## APÊNDICE 5

### **Objetivo Geral:**

Compreender a relação entre a avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública.

### **Objetivo específico:**

2. Analisar a relação existente entre a avaliação para as aprendizagens e as práticas pedagógicas interdisciplinares.

Protocolo de registros de análise documental: **Atividade Avaliativa (Prova)**

INDICADORES	OBSERVAÇÃO
1-Quantidade de questões/páginas	
2- Quantidade de áreas do conhecimento que estão sendo contempladas na atividade avaliativa (prova)	
3- Quantidade de áreas do conhecimento que estão sendo contempladas (em média) por questão na atividade avaliativa (prova)	
4- Aplicação da atividade avaliativa (prova)	
5- Sequenciação da temática/conteúdos	
6- Concordância com o PPP da escola	
7- Relação com os objetivos norteados no Currículo em Movimento (SEDF,2013)	
8- Condução do processo (mediação e intervenção) avaliativo pela professora	
9- Dinâmica de sala de aula (disponibilidade de carteiras) e a reação das crianças diante da prova	

## APÊNDICE 6

### **Objetivo Geral:**

Compreender a relação entre a avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública.

### **Objetivo específico:**

1. Identificar práticas pedagógicas interdisciplinares adotadas pelos docentes.

### **Protocolo de registros de observação da aula**

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/setembro/2015

Observadores: \_\_\_\_\_ Horário: Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

Professor/Tutor: \_\_\_\_\_

Disciplina/Temática: \_\_\_\_\_

Nº	Descrição das atividades	Observação
01		
02		
03		
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		

## APÊNDICE 7

### **Objetivo Geral:**

Compreender a relação entre a avaliação das aprendizagens com a prática pedagógica interdisciplinar desenvolvida por docentes do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública.

### **Objetivo específico:**

2. Identificar práticas pedagógicas interdisciplinares adotadas pelos docentes.
3. Analisar a relação existente entre a avaliação para as aprendizagens e as práticas pedagógicas interdisciplinares.

### **Protocolo de entrevista semiestruturado**

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/setembro/2015

Observadores: \_\_\_\_\_ Horário: Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

Professor/Tutor: \_\_\_\_\_

Disciplina/Temática: \_\_\_\_\_

- 1) Faça um breve relato sobre sua docência.
- 2) Qual a sua concepção sobre avaliação?
- 3) Conceitue interdisciplinaridade.
- 4) Justifique suas práticas pedagógicas interdisciplinares.
- 5) Qual sua intenção em realizar as atividades avaliativas atendendo ao princípio da interdisciplinaridade?
- 6) O que você percebeu de mudança positiva com o empenho de estratégias interdisciplinares em sua prática?
- 7) O que você diria a outros profissionais da educação, quanto aos trabalhos avaliativos interdisciplinares realizados em sua turma?
- 8) Explique o porquê de corrigir as atividades aplicadas (testes e exercícios avaliativos) em parceria com o próprio estudante.